

Análise da estratégia literário-pragmática em 1Cor 8,1-13

Analysis of literary-pramatic strategy in 1 Cor 8,1-13

*Boris A. Nef Ulloa**

*Jean Richard Lopes***

Resumo

Em 1Cor 8,1-13, Paulo desenvolve uma argumentação sobre a licitude ou não de participar de convívios nos quais serviam-se carnes provenientes dos templos pagãos. Esse costume gerou uma dificuldade na comunidade de Corinto, com consequências nocivas sobre os mais fracos. O Apóstolo busca resolver a questão por meio de uma reflexão teórico-prática, na qual a caridade é apontada como o critério capaz de redimensionar o conhecimento e a práxis dele decorrente. Este artigo propõe um estudo segundo uma abordagem sincrônica. Focaliza-se o aspecto comunicativo e identifica-se a estratégia literário-pragmática que estabelece a coesão linguística e a coerência semântica das subunidades (vv. 1-3; 4-6; 7-8; 9-13), que compõem a pericope e dão corpo à sua potencialidade normativa.

Palavras-chave: literário-pragmática, conhecimento, caridade, irmão, consciência.

*Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Assistente Doutor na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Docente Permanente no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia na PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa, no CNPq, Leitura Pragmática Linguística das Sagradas Escrituras - LEPRALISE. Contato: banefulloa@gmail.com

** Pós-doutorado em Teologia pela PUC-SP. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professor Adjunto I na Faculdade de Teologia da PUC Minas. Docente na graduação na PUC Minas. Líder do Grupo de Pesquisa, no CNPq, Bíblia: interpretação e práxis. Contato: jeanrichi@hotmail.com

Revista de Cultura
Teológica

Texto recebido em
26/05/2020

Aprovado em
02/12/2020

Ano XXVIII - Nº 97
Set - Dez 2020



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

Abstract

In 1Cor 8,1-13, Paul develops an argument about whether it is lawful or not to participate in festivities in which meat from pagan temples is served. This custom produced a difficulty in the Corinthian community, with harmful consequences in the weaker people. The apostle tried to deal with the issue by means of a theoretical-practical reflection, in which love is the criteria used to harmonize the knowledge and the praxis derived from it. This article offers a study using a synchronic approach. It focuses on the communicative aspect, identifying the literary-pragmatic strategy which establishes a linguistic cohesion and a semantic coherence of the sub-units (vv. 1-3; 4-6; 7-8; 9-13), that compose the pericope and give substance to its normative potential.

Keywords: literary-pragmatics, knowledge, love, brotherhood, awareness.

Introdução

O estudo exegetico apresentado neste artigo, segundo uma abordagem pragmática, focaliza o aspecto comunicativo de 1Cor 8,1-13. Essa pericope se encontra numa carta enviada por Paulo à comunidade de Corinto. O gênero literário epistolar é entendido como uma comunicação direta que aproxima remetente e destinatário. Já na antiguidade greco-romana a carta era definida como um diálogo (DEMETRIUS, 1932, p. 223). A perspectiva sincrônica ultrapassa os horizontes dos primeiros destinatários e reconhece no texto uma dimensão propositiva que interpela, em novos contextos, todo e qualquer leitor empírico.

A análise segue três passos. O primeiro se ocupa do cotexto geral e imediato de 1Cor 8,1-13. O termo cotexto refere-se ao substrato literário, discursivo e cognitivo – nesse caso, a Primeira Coríntios –, no qual o texto adquire sentido, num processo inferencial e comunicativo (GOUVÊA, 2016, p. 409). O segundo examina os elementos formais e literários do texto, a partir dos quais se reconhecem os indícios que evidenciam sua coesão e disposição. O terceiro focaliza a estratégia comunicativa, considerando a coerência semântica e os motivos que constituem o tema da pericope.

1. Cotexto: o percurso do autor implícito e do leitor implícito

Esse passo ocupa-se do percurso estrategicamente desenvolvido ao longo da carta, na qual encontra-se 1Cor 8. Com o objetivo de identificar traços do autor e do leitor implícitos, sem a pretensão de apresentar uma leitura exaustiva, analisa-se a estrutura epistolar, o léxico e algumas temáticas com as quais a perícopé está relacionada.

O autor e o leitor implícitos são constructos textuais persuasivos. Identificá-los significa reconhecer a intenção comunicativa do texto, a qual não se restringe àquela do autor real, mas com aquilo que efetivamente o texto comunica e é acessível ao leitor empírico de todos os tempos (ECO, 1979, p. 7.35; BROWN, p. 22-23).

Do ponto de vista histórico, o remetente da carta é Paulo (1Cor 1,1), o fundador da comunidade de Corinto (At 18,1-11; 1Cor 2,1; 2Cor 11,4.7). Mas o Paulo com o qual o leitor empírico se depara na leitura não é exatamente o personagem histórico. Ao escolher o que dizer e como dizer, o autor real vai além da sua condição histórica e elabora uma proposta modelo inscrita no texto. Como acontece com o remetente, os destinatários – os coríntios – também adquirem uma valência que transcende a situação histórica específica (TOMMASI, 2012, p. 207).

Assim, o Paulo e os coríntios, no texto, são expressão da potencialidade normativa (BROWN, 2007. p. 52, n. 63; GRILLI, 1993, p. 455), ou seja, do efeito que a comunicação almeja exercer sobre o leitor empírico. Por serem constructos textuais, seus traços “faciais” são delineados no emaranhado do texto. Espera-se que o leitor empírico, enquanto agente hermeneuta diante do texto, ao reconhecer esses traços, por meio de um processo inferencial, se identifique com eles. Caso contrário, a comunicação não se realiza.

1.1 Cotexto geral: o mapa da comunicação

O gênero epistolar segue uma estrutura tripartida: *praescriptum*, corpo e *postscriptum* (NEF ULLOA; LOPES, 2016, p. 583-604). Paulo reproduz essa estrutura e a reelabora em função do Evangelho, amplificando, mudando ou acrescentando alguns elementos. A reelaboração faz parte das estratégias comunicati-

vas do Apóstolo, que escreve em resposta a questões ocasionais (BARBAGLIO, 2004, p. 69-80), tratando de temas variados.

O *praescriptum* (1Cor 1,1-3) apresenta o remetente e o destinatário. Ambos são seguidos de uma titulação que, além de legitimar o *status* dos interlocutores, propõem os primeiros elementos significativos da comunicação, os quais adquirem um valor programático.

Ainda no que se refere ao aspecto formal, nota-se que a presença do substantivo κλητός (v. 1) e do verbo καλέω (v. 9) constituem uma inclusão. Essa evidência a unidade entre *praescriptum* (vv. 1-3) e próêmio (vv. 4-9). A presença dos vocábulos citados estabelece um horizonte comum entre Paulo e seus destinatários. O léxico do chamado, ao qual se acrescenta o verbo ἐπικαλέω (v. 2), coloca em destaque um aspecto que o leitor deve considerar na medida em que avança na leitura da carta.

O agente do chamado é sempre Deus. No caso do remetente, Paulo, afirma-se que ele é “chamado por vontade de Deus” (v. 1). Em relação aos destinatários, intitulados “Igreja de Deus que está em Corinto” (v. 2a), a mesma concepção é evidenciada no v. 2c, “chamados a ser santos” e no v. 9, mediante a declaração “é fiel Deus, por quem fostes chamados [...]”. Ambos os chamados são descritos numa relação direta com Cristo. O primeiro é intitulado apóstolo de Jesus Cristo (v. 1). Os segundos são definidos como “santificados em Cristo” (v. 2b) e “chamados à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor” (v. 9b).

Enfatiza-se ainda, com os genitivos “deles” e “nosso” (v. 2e), o senhorio de Cristo duplamente inclusivo. Os genitivos podem ser lidos com o vocábulo imediatamente antes, lugar (BRAKEMEIER, 2008, p. 21), ou ser entendidos com referência a “Senhor”. Ao considerar o esforço do remetente em afirmar a comum participação no chamado, que coloca aquele que foi chamado em relação com Cristo, pensa-se que o segundo entendimento seja mais coerente (BARRET, 1996, p. 34; THISELTON, 2000, p. 77-78). A deixis marcada pelos pronomes (PORTER; REED, 1999, p. 38) citados imposta o contexto numa perspectiva abrangente que não admite partidarismos, tendência de vários membros da comunidade de Corinto (1,10-16; 4,6). Assim, se no uso do pronome “nosso”

é indicada experiência comum de remetente e destinatário, com o pronome “deles” se expande o horizonte, afastando qualquer possibilidade de uma limitação exclusivista da relação com Cristo.

Logo após o *praescriptum*, encontra-se um “elemento característico das cartas paulinas, o proêmio” (1Cor 1,4-9). Ele se apresenta como uma oração dirigida a Deus, mas cuja função retórica é voltada aos destinatários (NEF ULLOA; LOPES, 2016, p. 596-597). Entre os dons presentes na comunidade, pelos quais o Apóstolo eleva a ação de graças, encontra-se a questão do conhecimento $\gamma\upsilon\omega\sigma\iota\varsigma$ (conhecimento). É a primeira vez que o vocábulo é usado na carta, sendo retomado depois em 1Cor 8 (4x); 12,8; 13,2.8; 14,6. Como *captatio benevolentiae*, essa oração tem a função retórica de predispor positivamente o leitor. Por isso é compreensível que o autor, no início, se dirija ao seu interlocutor de forma implícita, positivamente, e não de forma direta.

O corpo da carta (1,1–15,58) desenvolve várias temáticas, em resposta à informações recebidas da gente de Cloé (1,11); sobre as divisões na comunidade (1,12ss); a respeito de três situações de desordens: união ilegítima (5,1-13), processos dos irmãos em tribunais civis (6,1-11), frequência de prostitutas (6,12-20); e também como resposta a algumas perguntas feitas ao Apóstolo: sobre o matrimônio, o celibato e as virgens (7,1-40 [vv. 1.25]); a questão das carnes sacrificadas aos ídolos (8,1–10,21 [v. 1]); problemas a respeito da organização das assembleias (11,2–14,39 [12,1]); a ressurreição dos mortos (15,1-58) e a coleta a favor de Jerusalém (16,1ss [v. 12]).

Diante dessa variedade temática e da homogeneidade da estrutura do corpo epistolar (BARBAGLIO, 2001, p. 70), é necessário considerar um elemento importante: a *propositio generalis* (1,18-19). Como elemento formal de caráter retórico, ela é o ponto desencadeante da argumentação, a qual será retomada com as particularidades das várias seções da carta. A *propositio generalis* e o querigma da ressurreição (15,3-8) formam uma moldura literária (PITTA, 2013, p. 110), na qual emerge o horizonte hermenêutico e se desenvolve a argumentação teológico-pastoral. Sendo que a cruz e a ressurreição, síntese do mistério de Cristo e expressão máxima da sabedoria e caridade divina, constituem o critério

fundamental sobre o qual os leitores são chamados a conformar-se, seja *ad intra* como *ad extra*.

Na medida que o autor desenvolve sua argumentação, associa sabedoria/conhecimento a comportamento/atitudes. Como expressão da potência de Deus revelada na morte de Cristo, a cruz é um paradoxo que muitos coríntios não compreendem (1,19-20; 2,1). Essa manifesta a sabedoria de Deus (1,30), que elege os fracos (ἄσθενής), por meio dos quais confunde os fortes (1,27-28; 2,1-6).

Muito se discutiu sobre o significado do termo “fraco”, na Primeira Coríntios. Essa discussão tem evidenciado a influência que os membros abastados exerciam sobre a comunidade, seja no campo econômico, social, político, religioso e intelectual (cf. HORRELL, 1996, p. 105-108). Destaca-se aqui o último aspecto. Alguns coríntios estavam convencidos de ter alcançado um *status* superior (4,8), confundindo o conhecimento com sinônimo de salvação (4,8). Esse posicionamento gerou, em muitas ocasiões, falta de compromisso na vida concreta, nas relações comunitárias (8–12) e, inclusive, na relação com o próprio corpo (6,13a). Os fracos eram influenciáveis, devido à condição de baixa compreensão e percepção da realidade.

Paulo considera que os autoproclamados fortes e doutos, na realidade, não haviam alcançado a sabedoria do mistério que Deus reservou aos chamados (2,6-9; 3,1-3), capaz de levar à comunhão com Cristo (1,9.30), cuja expressão se realiza no corpo eclesial (c. 12). Frente à soberba de alguns coríntios, Paulo contrapõe o seu testemunho apostólico, ao lembrar que se apresentou em meio a eles com fragilidade (2,3), tendo suportado muitas condições adversas e humilhantes (4,9-13) pelo anúncio do evangelho (3,5-9).

Não diferente à sabedoria é também a questão da liberdade. Nos capítulos 6 e 10, Paulo cita quatro vezes o *slogan*: “Tudo me é lícito!” - πάντα μοι ἔξεστιν - (6,12ac; 10,23ac). A repetição da mesma estrutura paralelística estabelece uma conexão entre o fator pessoal (cap. 6) e comunitário (cap. 10) do exercício da liberdade e suas consequências, como descrito a seguir:

A - Tudo me é lícito (6,12a),	B - mas <i>nem tudo me convém!</i> (6,12b)
A' - Tudo me é lícito (6,12c),	B' - mas não me deixarei escravizar por coisa alguma! (6,12d)
A - Tudo me é lícito (10,23a),	B - mas <i>nem tudo me convém!</i> (10,23b)
A' - Tudo me é lícito (10,23c),	B' - mas <i>nem tudo edifica!</i> (10,23d)

A utilização do verbo impessoal ἔξεστιν, exprime a “autoridade para fazer/comportar-se numa determinada maneira” (FOESRTER, , 1967, p. 652-655). Com a locução adversativa ἀλλ’οὐκ (B - 6,12b; B - 10,23b) é relativizado o alcance do adjetivo indefinido “tudo” (πάντα). O conteúdo da relativização é expresso pelo verbo συμφέρω (6,12; 10,23; 12,7), que significa convir, ser útil. No cap. 6 a conveniência (B) refere-se ao uso do corpo (B' - οὐκ ἐγὼ ἐξουσιασθήσομαι ὑπὸ τινος), na perspectiva da união com Cristo (6,15-17) e vida no Espírito (6,19). Enquanto que no cap. 10, a conveniência (B) é associada ao âmbito comunitário (B' - οικοδομέω [Cf. 1Cor 8,1.10; 10,23; 14,4.17]) e ao compromisso com o próximo (10,24).

1.2 Cotexto imediato: 1Cor 8,1–11,1

Após a síntese do cotexto epistolar de 1Cor, passa-se ao cotexto imediato, ou seja, à macrossecção de 8,1-11,1 na qual se situa a perícopie estudada. Essa macrossecção é composta por 4 subunidades literárias (A-B-B'-A), como segue:

- | |
|---|
| <p>A - 8,1-13 carnes sacrificadas aos ídolos
 B - 9,1-24 exemplo do Apóstolo
 B' - 10,1-22 exemplo do passado de Israel
 A' - 10,23-11,1 carnes sacrificadas aos ídolos</p> |
|---|

A subunidade A introduz a questão das carnes sacrificadas aos ídolos (v. 1a). Essa prática, vivida por alguns membros da comunidade, é justificada por um conhecimento teológico (vv. 1b.4b), cujos efeitos são negativos sobre a vida dos irmãos mais fracos (vv. 9-11). Diante desse perigo, o Apóstolo faz uma advertência, contrapondo ao conhecimento, que incha (v. 1c), a caridade, como meio de edificação (v. 1d). Nessa perícopie são apresentados os fundamentos teóricos

que na sequência servirão para desenvolver orientações práticas frente à questão.

Na subunidade B, Paulo apresenta o exercício do seu ministério como um exemplo positivo, e ao mesmo tempo amplifica o que havia dito na conclusão da subunidade A (8,13). Nota-se uma concentração do substantivo ἔξουσία (vv. 4.5.6.12.18). Esse conceito é chave em 8,9, no que diz respeito à atitude dos coríntios reprovada pelo Apóstolo.

Na subunidade B', é descrito um exemplo negativo, referente à experiência de Israel no deserto. Embora todos os pais tenham sido destinatários das mesmas ações salvíficas de Deus (vv. 1-4), a maioria não o agradou e morreu no deserto (v. 5). A associação entre o sentar-se para comer e beber com a idolatria (v. 7), expõe algo não sublinhado no cap. 8, o perigo sedutor da idolatria (vv. 8.11), que deve ser evitada (vv. 12.14). Como resposta ao comer idólatrico, que gera morte, o Apóstolo recorda o cálice da bênção e o pão “que partimos” como experiência de comunhão com o sangue e corpo de Cristo (16), que gera unidade eclesial (v. 17). Enfim, exorta os coríntios a não participar da mesa do Senhor e daquela dos demônios (vv. 20-21).

A subunidade A', numa perspectiva prática, sintetiza o que fora teorizado nas subunidades anteriores. Seu foco é a edificação da comunidade fundamentada no amor ao próximo. De acordo com o que havia explicado na subunidade A, a partir da teologia monoteísta (8,4.6), comer com os gentios não deveria causar problemas de consciência (v. 27 [8,8]). Mas deve ser evitada qualquer possibilidade de escandalizar o judeu, grego e, sobretudo, a Igreja de Deus (v. 32). O tom diretivo orienta para o exercício responsável da liberdade (v. 23 [8,9]), vivida segundo a mimesis de Cristo, apreendida da pregação e da vida do próprio Apóstolo (v. 33; 11,1a).

A análise do cotexto geral e imediato mostrou que a perícopé escolhida é parte de um vasto corpo argumentativo no qual diversos aspectos estão interligados. O horizonte hermenêutico é teológico e cristológico com repercussões eclesiológicas. A liberdade, vivida na caridade para com o próximo, está associada ao conhecimento da ação salvadora de Deus manifestada no crucificado e ressuscitado, ao qual o discípulo é chamado a se conformar.

2. Texto: coesão linguística de 1Cor 8,1-13

Após traçar um percurso hermenêutico da 1Cor, para situar 1Cor 8,1-13 no seu cotexto, passa-se à análise da sua coesão linguística (REED, 1999, p. 28-46; KOCH, 1989, p. 16).

2.1 Delimitação

O início da perícopé (v. 1) é determinado pela fórmula *περὶ δὲ* + genitivo (em relação a...). Essa fórmula indica uma mudança temática (7,1.25; 21,1; 16,1.12). Após orientar sobre as questões associadas ao casamento, virgindade e celibato, Paulo passa a refletir sobre o tema das carnes sacrificadas aos ídolos e sua repercussão na vida da comunidade.

O cap. 8 é caracterizado por um tom linear e racional. No v. 13, Paulo conclui o sua argumentação sobre o tema com uma afirmação em primeira pessoa singular. No cap. 9, embora o texto continue com a mesma pessoa, há uma mudança de tom e estilo, mais passional, construído com uma sequência de perguntas retóricas (vv. 1-12), cujo foco são exemplos da vida do Apóstolo.

2.2 Coesão e disposição

A perícopé estrutura-se em quatro partes: vv. 1-3; 4-6; 7-8; 9-13. A primeira parte introduz o tema da perícopé com o uso do vocábulo *εἰδωλοθύτων* (carne oferecidas aos ídolos [v. 1a]), retomado em cada uma das partes (vv. 4.7.10) e reforçado pela presença de *εἶδωλον*, ídolo, imagem (vv. 4.7) e *εἰδωλείω*, templo (v. 10). A ideia inicial é desenvolvida pela citação de um slogan usado por alguns coríntios (v. 1b), que tem como foco a questão do conhecimento. Com o qual se introduz o segundo campo semântico prevalente na perícopé: *οἶδα* (saber [vv. 1.4]), *γνώσις* (conhecimento [vv. 1^{2x}.7.10.11]) e *γινώσκω* (conhecer [vv. 2^{3x}.3]). Como conectivo antitético entre os dois campos semânticos, emerge a centralidade do *ἀγάπη* (caridade [v. 1]), *ἀγαπάω* (amar [v. 3]) associado ao verbo *οικοδομέω* (edificar [vv. 1.10]).

As duas primeiras partes iniciam-se com a locução preposicional *περὶ δὲ* + genitivo, seguida do verbo indicativo perfeito *οἶδαμεν* e a conjunção *ὅτι*. Note-

se também o uso da conjunção coordenativa οὐν, com a qual caracteriza-se a continuidade temática. A segunda parte, acrescenta uma especificação ulterior ao tema, que ressalta a conexão lexical da perícopie no âmbito alimentar: βρῶμα (alimento [vv. 4a.8.13]). Na sequência, em perspectiva teológica, o autor propõe outra citação dos coríntios (v. 4b).

Se a primeira e a segunda partes apresentam-se segundo uma impostação geral de valor inclusivo, com o verbo οἶδαμεν, a terceira passa para uma perspectiva indefinida, com o uso dos pronomes πας e τις. Com a utilização da locução ἀλλ'οὐκ, introduz-se uma forte objeção das asserções anteriores a respeito do conhecimento e suas consequências práticas. Essa parte introduz alguns termos importantes para a sequência da argumentação, estabelecendo uma conexão com a última parte: ἐσθίω (comer [vv. 7.8^{2x}.10.13]), συνείδησις (consciência [vv. 7.10.12]), ἀσθενής (fraco [vv. 7.10]) e ἀσθένεω (ser fraco [v. 12]).

A quarta parte introduz uma nova perspectiva, como indicado pela conjunção δέ. O imperativo de segunda pessoa plural do verbo βλέπετε determina a sua impostação diretiva. Após uma sequência argumentativa teórica, passa-se a indicações práticas com o vocábulo ἐξουσία (v. 9). Os vv. 10-11 justificam o imperativo. Destaca-se a concentração do vocábulo ἀδελφός (irmão [vv. 11.12.13^{2x}]) e a presença de dois vocábulos que ecoam uma ideia similar: πρόσκομμα (ocasião de pecado, obstáculo [v. 9]) e σκανδαλίσω (escandalizar, conduzir ao pecado [v. 13^{2x}]). A conclusão da perícopie emerge da contraposição entre a segunda pessoa do plural - alguns coríntios (v. 12) - e a primeira pessoa singular - o Apóstolo (v. 13).

3. Foco comunicativo de 1Cor 8,1-13

Após a verificação da coesão da perícopie, passa-se à análise da sua coerência. Nessa, destaca-se o desenvolvimento semântico do texto e os vários motivos que formam o seu conteúdo (GRILLI, 2016, p. 174).

3.1 O redimensionamento do conhecimento na caridade (vv. 1-3)

O v. 1a apresenta uma problemática que afligia alguns membros da comunidade, a participação às mesas nas quais se serviam carnes provenientes do culto

aos ídolos - εἰδωλοθύτων (BÜCHSEL, 1967, 134). Pelo contexto se supõe que alguns não aceitavam essa prática (vv. 7.10 e 10,19-21.27-28). Com a citação de um slogan difuso entre os coríntios - “todos temos conhecimento” (v. 1b) (THISELTON, 2000, p. 629; COLLINS, 1999, p. 310) -, Paulo passa a abordar a questão numa perspectiva teórica. O indicativo presente do verbo ἔχωμεν (temos) denota algo adquirido, ou seja, uma γνώσις (conhecimento) teológico especulativo considerado como certo.

Antes de refletir sobre o conteúdo desse conhecimento (cf. vv. 4-6.7-8) e suas consequências práticas (vv. 9-13), Paulo propõe um paralelismo antitético entre o conhecimento e a caridade (v. 1cd). Cada elemento do paralelismo passa por uma amplificação comparativa (vv. 2ab.3ab), como apresentado a seguir:

v. 1c O <i>conhecimento</i> infla.	v. 2a Se alguém pensa conhecer algo, v. 2b ainda não conhece como é preciso conhecer.
v. 1d A <i>caridade</i> edifica.	v. 3a Mas se alguém ama a Deus, v. 3b este é conhecido por ele.

O conhecimento é sujeito do verbo φυσιοῶ, o qual expressa algo inflado e arrogante. Uma tendência entre os coríntios (4,6.17-19). Essa atitude de quem acredita ter alcançado o conhecimento pode levar a ser conivente com situações impróprias para os cristãos, como a imoralidade discutida em 5,2ss.

A amplificação do motivo introduzida com o período hipotético da realidade revela a arrogância dos Coríntios como uma pretensão infundada (v. 2ab). Com o uso desse período, Paulo “sublinha a rigorosa consequencialidade dos argumentos, em vez da sua aderência à realidade das coisas” (POGGI, 2009, p. 194). Os verbos δοκέω (pensar) + γινώσκω (conhecer) estão em relação de contraposição com γνώσιν ἔχομεν (temos conhecimento [v. 1b]). Certamente o slogan se referia ao dom do conhecimento (1,5) e ao recebimento do Espírito (2,12), entendido como um elemento mais importante que a crucificação de Cristo (2,15-16) (BRUCE, 2005, p. 259; BULTMANN, 1966, p. 515-516). O advérbio temporal οὐπω (não ainda) e a proposição subordinada comparativa, “como precisa conhecer” (v. 2b), enfatizam que o conhecimento do qual os coríntios se orgulham é na verdade um processo inacabado. De fato, Paulo recorda que

o conhecimento, embora necessário, é uma experiência parcial, que tende a um plenitude escatológica (1Cor 13,9.12cd).

A caridade, por sua vez, é o critério capaz de redimensionar o conhecimento. Esvaziada de arrogância (13,4), ela qualifica todas as dimensões da vida dos membros da comunidade (16,14) (KITZBERGER, 1986, p. 294-295). A presença do verbo *οικοδομέω* (edificar) aponta para a dinâmica da caridade (v. 1d).

Em 1Cor 3, os vocábulos *οικοδομή* (edifício) / *ἐποικοδομέω* desempenham papel importante na argumentação paulina. Seu horizonte semântico é fortemente eclesial, destaca a coparticipação e responsabilidade de todos (v. 10 [cf. 14,26]) (KITZBERGER, 1986, p. 294-295; COLLINS, 2010, p. 204). Identificada no *praescriptum* como “Igreja de Deus em Corinto” (1,2), a comunidade é também definida como edifício de Deus (v. 9b). Deve-se observar que, embora essa construção tenha Deus como primeiro agente (v. 10a), conta com a cooperação de Paulo (v. 9a.10b) e dos membros da comunidade (v. 10cd).

O fundamento que dá solidez à edificação é Jesus Cristo (v. 11). Paulo adverte para o perigo de que a construção não corresponda ao seu fundamento (v. 12). Se isso viesse a ocorrer, haveria uma distorção da sabedoria paradoxal do evangelho da cruz (v. 18-20 [cf. 1,18-25]). Emerge, então, a dimensão escatológica (vv. 12-15), que aponta para o dia do juízo, no qual “a obra de cada um será posta em evidência” (v. 13).

Paulo utiliza, ainda, o verbo edificar para exortar à superação dos individualismo que provém das idéias errôneas sobre a liberdade sem limites (10,23) e ao compromisso com a comunidade (14,4.17 [cf. Rm 14,19; 15,20]).

A amplificação do v. 1d associa *ἀγαπάω* (amar [v. 3ab]) e *γινώσκω*, na voz passiva (ser conhecido [v. 3b]). O sujeito do verbo amar é indefinido (*τις*), enquanto seu objeto é Deus (v. 3a). Na sequência (v. 3b), nota-se que o pronome demonstrativo *οὗτός* (este), sujeito gramatical do verbo passivo, rompe a generalidade de *τις*, diante do sujeito lógico, Deus (*ὑπὲρ αὐτοῦ* [v. 3b]).

Além do aspecto puramente intelectual (COLLINS, 1999, p. 310-311), a ideia de ser conhecido por Deus carrega duas características importantes e re-

lacionadas que provêm do AT, sobretudo com o uso do verbo passivo γινώσκω na LXX. A primeira expressa de modo peculiar o amor do Deus criador pela sua criatura (Gn 20,66; 1Cr 28,9; Sl 39,10; 43,22; 49,11; Am 5,12; Br 2,30) (BULTMANN, 1966, p. 489). A segunda retoma a categoria bíblica da eleição (Ex 23,12; Dt 7; Am 3,2; Os 5,3; 11,12; Na 1,7; Jr 1,5) (BARRET, 1996, p. 191; THISELTON, 2000, p. 626; SCHMITHALS, 1992, p. 601). A eleição na 1Cor se atualiza no chamado que, como visto no contexto geral da carta, insere o crente em uma experiência comunitária, de pertença a Cristo. O chamado (1,3.9) é expressão da eleição divina (1,26-31).

Em 1Cor 8,1-3, portanto, redefine-se a compreensão do conhecimento, reportando-o ao seu sentido evangélico mais genuíno (v. 3ab; cf. 4,15; 9,12.23; 15,1). Associa-se, assim, a dimensão teórica àquela prática, visto que o conhecimento não é perene, mas a caridade sim (13,2.8.13). A comunidade responde concretamente ao seu chamado, fruto do amor e da eleição divina, no exercício da caridade entre seus membros (14,1a).

3.2 O conteúdo teológico do conhecimento (vv. 4-6)

Uma vez estabelecido o horizonte, no qual o conhecimento é associado à experiência de fé, que inclui a prática representada na caridade, o autor trata da questão do seu conteúdo (v. 4). Nota-se que a εἰδωλοθύτων é acrescentado βρωσις (alimento [v. 4a]), que remete a uma variedade de convívios, nos quais eram servidas parte das carnes levadas aos templos. A carne que sobrava era utilizada em festas religiosas e civis. Essas ocasiões serviam para confirmar influência e destaque nas relações entre grupos sociais, motivos pelos quais os coríntios mais abastados participavam. Devido às características religiosas dessas festas, os pobres também eram admitidos (THISELTON, 2000, p. 628; KEENER, 2005, p. 75-78).

A reflexão continua a partir de um segundo slogan usado por alguns membros da comunidade: “sabemos que nada é um ídolo no mundo, e que não há Deus, senão um” (v. 4b). Seu conteúdo teológico é plenamente fundamentado no AT (Dt 5,7; 6,4) e, portanto, compartilhado por Paulo (v. 6) (FITZMYER, 2008, p. 331.336).

v. 5 A - Por certo que existem os chamados deuses seja no céu seja sobre a terra,

B - a - *como há muitos deuses*
 b - *e muitos senhores*

v. 6 mas

B' - a' - para nós existe um Deus, o Pai,
 i - de quem todas as coisas provém
 ii - e nós somos para ele,
 b' - *e um Senhor Jesus Cristo,*
 i - por quem todas as coisas existem
 ii - e nós existimos por ele.

A proposição concessiva do v. 5A revela uma possibilidade considerada como real por alguns Coríntios (THISELTON, 2000, p. 631), a existência de deuses no céu e na terra. Por sua vez, Paulo acrescenta “como de fato existem muitos deuses e muitos senhores” (v. 5Bab) (THISELTON, 2000, p. 631). E, assim, demonstra ter consciência de que, apesar dos deuses serem mudos/nada, a experiência religiosa desenvolvida em torno a eles, acabava exercendo influência na vida prática da sociedade e dos indivíduos (12,2). A conjunção *ἀλλά* faz a conexão entre os vv. 5 e 6. Destaca-se a contraposição entre a constatação do v. 5Bab e o fundamento teológico monoteísta (6Ba'b' [v. 4b]). Do adjetivo indefinido *πάντα* (muitos [v. 5Bab]), referido aos ídolos e senhores, ele passa ao adjetivo numeral *εἷς* (um), aplicado a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo (v. 6B'a'b' [cf. v. 4b]).

No *praescriptum*, o chamado dirigido aos coríntios está associado à proclamação do senhorio de Cristo, identificado como Filho de Deus (1,3.9). Deus é apresentado também como origem e fim de tudo e Jesus Cristo é seu mediador (v. 6B'a'b'). Por isso, Deus, aquele que ressuscitou o Senhor (6,14a), confirma os chamados na comunhão com o Filho (1,9; 6,14b). Ele que, na condição de Senhor, é o juiz escatológico (1,8; 4,4-5) (COLLINS, 1999, p. 313).

3.3 A realidade se impõe (vv. 7-8)

Nas duas partes anteriores, desenvolveu-se um reflexão sobre o conhecimento e seu conteúdo teológico, redimensionado pela caridade. Na terceira par-

te (vv. 7-8), o Apóstolo nega com força aquilo que alguns coríntios afirmavam no slogan citado no v. 1b: “todos temos conhecimento”. Com isso, ele contesta um tipo de conhecimento que desconsidera a realidade da própria comunidade. Então, o texto chama à luz um costume (συνηθεία), cuja persistência revela que alguns ainda não tinham adquirido uma compreensão madura da fé.

O efeito nefasto de ignorar essa realidade é a contaminação da συνείδησις ἀσθενής (consciência fraca) de alguns (v. 7). Nos textos paulinos, συνείδησις não é um conceito relacionado somente com o âmbito moral, mas compreende também uma série de aspectos relativos à percepção de si mesmo (THISELTON, 2000, p. 640-644; MAURER, 1981, p. 312-322). Por sua vez, o adjetivo ἀσθενής (fraco), na sociedade grega, indicava uma pessoa inexperiente diante de certas situações.

Em 1Cor, os fracos, não espertos o suficiente no conhecimento teológico, acabam por enxergar alguns convívios como homenagens aos deuses, sobretudo devido ao consumo de carne proveniente dos templos. Assim, συνείδησις ἀσθενής expressa uma autoconsciência de alguém que, não obstante tenha aderido ao evangelho, ainda não se apropriou o suficiente daquilo que significa a salvação, de modo a não ser condicionado pelas velhas crenças.

Nessa carta, o adjetivo fraco apresenta também um sentido paradoxal. A partir da força salvífica da cruz de Cristo (1,18-19), o fraco é apresentado como terreno propício, no qual se manifesta a força de Deus (cf. 2Cor 12,8-10; 13,4). E, por isso, torna-se um instrumento utilizado por Deus para confundir os fortes (1,19.25.27). Em 12,22, ao apresentar a metáfora do corpo de Cristo, Paulo identifica os membros mais fracos como os mais necessários.

O pensamento dos fortes, no que se refere à nulidade dos ídolos (v. 8a), permitia-lhes viver as ocasiões de convívio com uma certa indiferença (v. 8b). Mas, além desse aspecto prático, deve-se considerar também a perspectiva teológica do v. 8a. O verbo παρίστημι (comparecer, apresentar-se diante de) é usado em 2Cor 4,14, num contexto relativo ao juízo escatológico: “sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus ressuscitará também a nós com Jesus e nos porá ao lado dele, juntamente convosco”. Essa perspectiva permite pensar que a indiferença porta consigo uma pretensão soteriológica, aquela de sentir-se salvo pelo

conhecimento, prescindindo de suas atitudes e ações (MURPHY O'CONNOR, 1979, p. 297). Essa pretensão é identificada também o slogan: “tudo me é lícito” (6,12ac e 10,23ac).

3.4 A radicalidade da caridade (vv. 9-13)

A argumentação nas subunidades anteriores desconstruiu a falsa convicção de que todos possuem o mesmo nível de conhecimento. A subunidade conclusiva (vv. 9-13), por sua vez, direciona a reflexão para questões práticas e com isso focaliza as consequências de determinados posicionamentos na vida de alguns membros da comunidade.

O objeto do imperativo βλέπετε (olhar, estar atento [v. 9]), έξουσία, implica na autoridade sobre si mesmo e no direito de escolher coisas ou assumir comportamentos (THISELTON, 2000, p. 649; COLLINS, 1999, p. 322-323;). Na 1Cor, essa autoridade de escolha (liberdade) é pensada a partir de sua consequência eclesial (cf. 7,37; 9,4.5.6.12.18; também ἔξεστιν [6,12 e 10,23]). No v. 9, trata-se de não tornar-se uma ocasião de pecado (πρόσκομμα) para os ἀσθενέσιν (fracos), ou seja, para aqueles que não têm capacidade de discernir, por não terem alcançado ainda uma adequada compreensão teológica (v. 7).

O direcionamento é justificado ulteriormente com a conexão entre os vv. 10 e 1d. Em ambos encontra-se o verbo οικοδομέω, cujos sujeitos são a caridade (v. 1) e o conhecimento (v. 10). Nesse último, o significado do verbo passivo é estimular. Provavelmente expressa a prática dos fortes que, com seu comportamento, estimulavam os fracos a superar a sua dificuldade (THISELTON, 2000, p. 651). Todavia, o v. 11 explicita que a consequência lógica (γάρ) desse estímulo se revela uma experiência arruinante (ἀπόλλυμι) (FITZMYER, 2008, p. 348).

O termo ἀδελφός (irmão) aparece quatro vezes nesses versículos finais (vv. 11.12.13^{2x}) e dá um rosto familiar ao fraco. Com a declaração “pelo qual Cristo morreu” (v. 11b) reforça-se a importância do irmão, ao mesmo tempo que sublinha-se o caráter soteriológico da morte de Cristo (COLLINS, 1999, p. 323). Retoma-se, assim, a eloquência da cruz (1,18-23.30).

A conclusão da perícopa, nos vv. 12-13, propõe um paralelo significativo

entre aqueles que justificam sua liberdade com um conhecimento teológico e Paulo. Os dois versículos apresentam uma disposição quiástica:

- | | | | |
|-------|-----------------|-----------|---|
| v. 12 | Desse modo, | A | <i>pecando contra os irmãos</i> |
| | | B | <i>ferindo a consciência fraca deles</i> |
| | | A' | <i>contra Cristo pecais.</i> |
| v. 13 | Por essa razão, | A | <i>se um alimento escandaliza meu irmão</i> |
| | | B | <i>nunca mais comerei carne</i> |
| | | A' | <i>a fim de que meu irmão não se escandalize.</i> |

No v. 12, a primeira proposição A relaciona-se com a terceira A'. Entre as quais é especificado como se peca contra os irmãos, “ferindo a sua *consciência fraca*” (B), o que é identificado como um pecado contra Cristo (MALCOM, 2013, p. 52). O particípio presente de τύπτω (ferir, golpear) indica uma situação que se repete na comunidade e enfatiza os efeitos nocivos do referido comportamento sobre a vida dos fracos (THISELTON, 2000, p. 654;).

A conjunção διόπερ conecta os vv. 12 e 13 e sublinha o desenvolvimento lógico da conclusão. No v. 13, Paulo se expõe em primeira pessoa, usando um argumento exemplar (COLLINS, 1999, p. 323-324; ; HORREL, 1996, p. 144). Observe-se também a presença do pronome possessivo, meu, utilizado na primeira proposição (A) e na terceira (A'), para indicar fortemente uma relação de proximidade, de comprometimento. Aquilo que falta quando a consciência não é vivida na moldura da caridade.

O verbo σκανδαλίσω (escandalizar), numa oração hipotética da realidade, retoma a ideia de πρόσκομμα (v. 9), como algo a ser evitado. O vocábulo βρώμα (alimento), sujeito de σκανδαλίσω não apresenta nenhuma especificação (cf. também v. 8). A palavra κρέα (carnes) também tem um sentido geral. Estrategicamente, no clímax da perícope, o autor assume de forma radical o princípio da caridade, seu compromisso com o irmão, afirmando que não comerá mais carne (de qualquer tipo e em qualquer situação), para não induzir o irmão ao pecado.

Conclusão

Numa tentativa de responder a uma questão pontual, presente na comunidade de Corinto, sobre a licitude ou não de participar dos convívios nos quais se serviam as carnes provenientes dos templos pagãos, Paulo propõe um critério não considerado por alguns coríntios: a caridade edificante (v. 1d). De fato, a utilização do verbo edificar é significativo, nas cartas paulinas, devido a sua conotação eclesial.

Do ponto de vista teológico, Paulo não discorda do conteúdo do segundo slogan de alguns coríntios, “Não existe algum ídolo no mundo e não existe Deus exceto um”, porque é fundamentado no monoteísmo judaico (v. 4bc). O seu pensamento aponta para a centralidade de Cristo, mediador de Deus Pai (vv. 5-6). Na sequência, o fraco, denominado irmão, é associado ao Cristo crucificado, o agente da salvação (v. 11b; 1,18-19). Com isso indica-se que pecar contra o irmão, significa pecar contra Cristo (v. 12).

No final da argumentação constata-se uma perspectiva importante, que reflete o percurso dos agentes desenvolvido em três estágios. Nas três primeiras subunidades (vv. 1-3; 4-6; 7-8), nas quais se apresenta a reflexão teorética, nota-se o uso de pronomes e adjetivos indefinidos (τις, πάντες). Na última subunidade (vv. 9-13), por sua vez, encontra-se uma abordagem mais direta, com dois verbos na segunda pessoa plural (vv. 9.12). No último versículo, o remetente escreve na primeira pessoa singular (v. 13). Para além da abordagem diacrônica, os agentes são expressões da estratégia comunicativa de construção do autor e leitor implícitos. Por meio deles se passa da indefinição à determinação, representada na forma modular do “eu” da conclusão, com o qual espera-se que o leitor empírico se identifique (cf. também 11,1).

Referências Bibliográficas

BARBAGLIO, G. Les lettres de Paul: contexte de création et modalité de communication de sa théologie. In DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, D. *Paul, une théologie en construction*. Genève: Labor et Fides, 2004, p. 67-103.

- BARBAGLIO, G. *La Teologia di Paolo: Abbozzi in forma epistolare*. Bologna: EDB, 2001.
- BARRET, C. K. *The First Epistle to the Corinthians*. 2ed. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996.
- BRAKEMEIER, G. *A primeira carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto*. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.
- BROWN, J. K. *Scripture as Communication*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.
- BRUCE, F.F. *Paul: Apostles of the Free Spirit*. Waynesboro: Paternoster, 2005.
- BÜCHSEL, F. εἰδωλοθύτων. GLNT III. Brescia: Paideia, 1967, p. 127-136.
- BULTMANN, R. γινώσκω. GLNT II, Brescia: Paideia, 1966, p. 461-542.
- COLLINS, R. *Constructing a Metaphor: 1 Corinthians 3,9b-17 and Ephesians 2,19-22*. In SCHLOSSER, J. (ed.) *Paul et l'unité des chrétiens*. Leuven: Peeters, 2010, p. 193-216.
- COLLINS, R. F. *First Corinthians*. Collegeville: Liturgical Press, 1999.
- DEMETRIUS. *On Style*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1932.
- ECO, U. *The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.
- FITZMYER, J. A. *First Corinthians*. A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven and London: Yale University Press, 2008.
- FOERSTER, W. έξουσία. GLNT, III, Brescia: Paideia, 1967, p. 652-655.
- GOUVÊA, L.; PAULIUKONIS, A. L.; MONNERAT, R. Texto, cotexto e contexto: processos de apreensão da realidade. In. MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. E. *Linguística textual e ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 49-68.
- GRILLI, M., Le parole ultime e le penultime. In GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. M. *Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica*. San Paolo: GBP, 2016, p. 163-202.
- GRILLI, M., Autore e lettore: il problema della comunicazione nell'ambito dell'esegesi bíblica. *Gregorianum*, vol. 74, n. 3, p. 447-459, 1993.
- GUIDI, M. La questione contestuale: l'influsso del contesto sul testo. In GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. M. *Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica*. San Paolo: GBP, 2016, p. 46-81.
- HORRELL, D. G. *The Social Ethos of Corinthian Correspondence: Interests and Ideology from 1 Corinthians to 1 Clemente*. Edinburgh: T&T Clark, 1999.

- KEENER, C. S. *1–2 Corinthians*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2005.
- KITZBERGER, I. *Bau der Gemeinde*. Das paulinischen Wortfeld οἰκοδομή / (ἐπ)οἰκοδομέω . Würzburg: Echter Verlag, 1986.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo: Editora Contexto, 1989.
- MALCOM, M. R. *Paul and the Rhetoric of Reversal in I Corinthians: The impact of Paul's Gospel on his Macro-Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- MATERA, F. J. *God's Saving Grace: A Pauline Theology*. Grand Rapids / Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company.
- MAURER, C. σύννοια, συνείδησις. GLNT, XIII, Brescia: Paideia, 1981, p. 270-326.
- MURPHY-O'CONNOR, J. Food and Spiritual Gifts in 1 Cor 8:8. *The Catholic Biblical Quarterly*, vol. 41, n. 2, p. 292-298, abril, 1979.
- NEF ULLOA, B. A.; LOPES, J. R., Epistolografia Paulina: origem e estrutura. *Perspectiva Teológica*, v. 48, n. 3, p. 583-604, Set/Dez, 2016.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- PITTA, Antonio, L'Evangelo di Paolo: Introduzione alle lettere autoriali. Torino: ELLEDICI, 2013.
- POGGI, Flaminio. *Corso avanzato di greco neotestamentario*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2009.
- REED, J. T. The Cohesiveness of Discourse? Towards a Model of Linguistic Criteria for Analyzing New Testament Discourse. In PORTER, S.E.; REED, J. T. (Ed.) *Discourse Analysis and the New Testament*. Approaches and Results. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 28-46.
- TOMMASI, R. La narrazione tra linguistica, pragmatica er ermeneutica fenomenologica. Un contributo filosofico alla ricerca su “La narrazione nelle e della Bibbia”. In SGARBI, A.; ROMANELLO, S. *La narrazione nella e della Bibbia*. Studi interdisciplinare della dimensione pragmatica del linguaggio biblico, Padova: Edizione Messaggero; Facoltà Teologica del Triveneto, 2012, p. 187-233.
- SCHMITHALS, W. γινώσκω. Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament. I. 2º ed. Stuttgart; Berlin; Koln: Verlag W. Kohlhammer, 1992, p. 596-604.
- THISELTON, A.C. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, Eerdmans, 2000.